

Resumo: Este artigo analisa como as práticas de mediação de leitura orientadas à justiça social, climática e ambiental podem transformar a biblioteca pública em polo de engajamento comunitário. O estudo tem como campo empírico o projeto *Clima de Literatura: Literatura e Desenvolvimento Sustentável*, desenvolvido na Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen, em São Paulo. Fundamentado na perspectiva ecocrítica e nos estudos de mediação de leitura, o trabalho adota a pesquisa-ação como abordagem metodológica. Os resultados, sustentados em registros do diário de campo, transcrições de falas de participantes e produções simbólicas coletivas, evidenciam que a mediação literária pode criar condições para o repovoamento dos imaginários infantis — compreendido como a reconstrução simbólica das formas de perceber e se relacionar com o mundo, deslocando visões antropocêntricas em direção à interdependência entre humanos e natureza. Conclui-se que a biblioteca pública desempenha papel estratégico na formação de sujeitos capazes de reconhecer e reivindicar outras formas de existência e cuidado.

Palavras-chave: Biblioteca pública; Ecocrítica; Mediação de leitura; Repovoamento dos imaginários.

Abstract: This article examines how reading mediation practices oriented toward social, climate, and environmental justice can transform the public library into a hub of community engagement. The empirical field is the *Clima de Literatura: Literature and Sustainable Development* project, carried out at the Hans Christian Andersen Municipal Public Library in São Paulo. Grounded in ecocritical theory and reading mediation studies, the research adopts an action-research methodology. Results, supported by field diary records, participant speech transcriptions, and collective symbolic productions, show that literary mediation can create conditions for the repopulation of children's imaginaries — understood as the symbolic reconstruction of ways of perceiving and relating to the world, shifting anthropocentric views toward an understanding of interdependence between humans and nature. It is concluded that the public library plays a strategic role in fostering subjects capable of recognizing and claiming other forms of existence and care.

Keywords: Public library; Ecocriticism; Reading mediation; Repopulation of imaginaries.

Introdução

A contemporaneidade é marcada pela emergência climática que, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2023), constitui uma crise direta dos direitos da infância. Estima-se que 1 bilhão de crianças resida em áreas de alto risco climático, enfrentando interrupções na aprendizagem e impacto no bem-estar. Diante disso, educação e cultura se tornam essenciais para formar pessoas com pensamento crítico, que consigam entender e enfrentar os problemas socioambientais que já se apresentam.

No entanto, observa-se uma lacuna persistente na abordagem desses temas nas práticas de mediação cultural, embora a produção literária destinada às infâncias tenha se aberto mais

a essas temáticas nos últimos anos. Pouco se explora, contudo, como a mediação de leitura orientada à fruição e à partilha sensível — e não à instrução — pode contribuir para a (re)construção dos imaginários infantis em torno das questões socioambientais.

Resta, então, a questão: de que forma a mediação de leitura realizada em espaços como a biblioteca pública pode mobilizar esse debate, para além de uma abordagem meramente educativa?

O projeto *Clima de Literatura: Literatura e Desenvolvimento Sustentável* surgiu de uma inquietação profissional acerca da necessidade de abordar os grandes temas contemporâneos com as crianças e seus responsáveis, tendo como ponto de partida a literatura destinada à infância, alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A iniciativa buscou integrar a Agenda 2030 da ONU à prática cotidiana da Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen, em São Paulo, partindo da premissa de que a literatura possui a capacidade metafórica de tornar "visíveis" os perigos ambientais e sociais que, de outra forma, seriam abstratos para o público infantojuvenil.

O objetivo deste artigo é analisar como as práticas de mediação cultural orientadas à justiça social, climática e ambiental podem transformar a biblioteca pública em um polo de engajamento comunitário. Estrutura-se a discussão a partir da fundamentação teórica sobre mediação de leitura e ecocrítica, da descrição dos procedimentos metodológicos adotados e da análise qualitativa e quantitativa dos resultados colhidos a execução do projeto.

A pergunta norteadora investiga como a mediação de leitura — neste contexto, parafraseando Krenak (2019), que nos convida a contar histórias como forma de adiar o fim do mundo — contribui para o (re)povoamento dos imaginários infantis, entendido aqui como a reconstrução simbólica das formas de perceber e se relacionar com o mundo, deslocando a visão da natureza como mero recurso para uma compreensão de interdependência vital.

Referencial teórico: mediação de leitura e ecocrítica

A base teórica deste estudo articula a mediação de leitura à ecocrítica, buscando compreender o papel do livro literário em tempos de crise ambiental.

O papel social das bibliotecas públicas na crise climática

As bibliotecas públicas consolidam-se como parceiras estratégicas nos esforços globais contra a crise climática por ocuparem uma posição singular de confiança junto às suas comunidades.

Conforme as diretrizes da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (INTERNATIONAL..., 2025), a disponibilização de coleções e exposições temáticas atua como um catalisador para o engajamento inicial, abrindo caminho para programas educativos mais profundos e parcerias com o setor público, escolas e a sociedade civil.

Essa compreensão dialoga com a noção de responsabilidade social da Ciência da Informação, que permite analisar as bibliotecas como espaços de mediação nos quais os processos de produção, organização e circulação da informação se traduzem em regimes de apropriação cultural no espaço social urbano.

A partir dessa perspectiva, cabe às unidades de informação o compromisso de promover inclusão, participação democrática e emancipação: ao reconhecer os saberes locais, as experiências comunitárias e as múltiplas formas de conhecimento sobre o ambiente, as bibliotecas contribuem para uma ecologia de saberes que articula ciência, cultura, acervo e memória social.

O acervo, nesse enquadramento, constitui um campo de possibilidades; e a mediação, um processo ético, estético e político que reconhece o leitor como sujeito ativo e a biblioteca como espaço vivo de trocas, aprendizagens e pertencimento. Iniciativas voltadas à educação climática e à promoção da leitura literária podem ser entendidas, assim, como estratégias de fortalecimento da resiliência comunitária e de construção de uma cidadania ambiental crítica.

Em contextos de inclusão, garantir o direito à leitura literária significa assegurar mais que acesso ao livro: oferecer condições efetivas de fruição cultural, participação cidadã e redução das desigualdades, em consonância com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030.

O relatório da IFLA (2025) destaca, ainda, que a eficácia dessas ações está atrelada à capacidade de abordar aspectos locais da sustentabilidade, aproximando o tema do cotidiano dos cidadãos e ampliando o impacto das iniciativas no território atendido.

A partir dessa perspectiva, a Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen pode ser considerada um espaço de experimentação para essa prática no contexto paulistano: ao disponibilizar o acervo completo do Clube do Livro ODS da ONU — ponto de partida do projeto *Clima de Literatura* —, transforma o acesso à informação em convite ao diálogo comunitário e ao fortalecimento da cidadania climática.

A ecocrítica e a literatura como diálogo ético

A literatura infantil, quando lida sob a lente da ecocrítica, permite explorar a relação humano-natureza sem cair no didatismo moralizante. Westling (2012) argumenta que poetas e romancistas utilizam uma linguagem conotativa e metafórica para questionar o lugar do ser humano no mundo, tornando visíveis e sensíveis os perigos ambientais que poderiam ser ignorados em discursos técnicos.

Essa abordagem é central para o projeto, pois a ficção opera como um espaço de ensaio ético: a partir da experiência das personagens, o leitor pode antecipar situações, avaliar escolhas e construir referenciais para sua própria ação no mundo, conforme propõe Reyes (2021). Nesse processo, as crianças podem vivenciar pela literatura situações de crise, resistência e alteridade, elaborando seus próprios posicionamentos a partir dessas experiências.

A noção de "ficar com o problema", proposta por Haraway (2023:14), oferece um enquadramento teórico produtivo para pensar a mediação de leitura em bibliotecas

públicas. Trata-se de recusar tanto o derrotismo diante da crise quanto as narrativas de salvação tecnológica ou messiânica, optando por encarar a realidade presente e agir a partir dela, construindo, como propõe a autora, novos parentescos entre espécies e formas de vida.

A biblioteca pública, nesse sentido, constitui um ecossistema singular para essa prática: espaço de acesso irrestrito, aberto à diversidade de públicos, no qual a mediação de leitura cria condições para que os sentidos sejam construídos coletivamente.

Como nos lembra Cosson (2009), é na prática social da leitura — compartilhada, discutida e vivida coletivamente — que se consolidam, de fato, os processos de formação do leitor literário. Assim, como em um ecossistema natural em que cada ser contribui para a manutenção de um todo compartilhado, são as experiências de mediação cultural vivenciadas na biblioteca que sustentam esse processo de construção coletiva de sentidos.

O ato de contar histórias — aqui reconfigurado na prática da mediação de leitura — consolida-se, portanto, como uma forma de resistência que dialoga com a provocação de Krenak (2019) sobre adiar o fim do mundo. Ao preservar a potência da narrativa e do encontro literário, a mediação de leitura sustenta o imaginário como condição simbólica para a construção de outras formas de convivência e cuidado.

A ecocrítica e a literatura como diálogo ético

A mediação é compreendida como a criação de condições para que a literatura seja vivida em profundidade, afastando-se de qualquer pretensão puramente pedagógica ou utilitária. Como destacam Bajour (2023) e Petit (2019), o valor da escuta e o respeito ao silêncio são pilares no processo de formação leitora, permitindo que os sentidos da obra possam emergir da experiência do próprio leitor.

Nesse cenário, a figura do mediador, conforme discute Munita (2024), assume o papel de um leitor experiente que compartilha seu próprio engajamento com a obra, criando uma comunidade de leitores onde a palavra circula livremente.

Essa oferta de recursos simbólicos é o que possibilita ao sujeito reconstruir seu mundo interior e fortalecer seus laços com o coletivo (PETIT, 2024), transformando o espaço da biblioteca no que Bajour (2023) denomina como uma cartografia de encontros.

No contexto deste projeto, mediar não significa ensinar os ODS como conteúdo curricular, mas facilitar um encontro em que livros que mobilizam temáticas relacionadas aos ODS são os protagonistas. Essa distinção é fundamental: enquanto a educação normativa orienta-se pela transmissão de saberes predefinidos, a mediação cultural, tal como a compreendem Bajour (2023), Petit (2019) e Munita (2024), parte da escuta, do engajamento com a obra e da construção coletiva de sentidos.

A leitura literária é, em si mesma, um exercício de aprendizagem — não pela transmissão de valores e regras, mas porque mobiliza pensamentos e desloca certezas. Palavras e imagens podem confirmar visões de mundo, e também subvertê-las: criam sentidos novos e muitas vezes inesperados para questões que pareciam consolidadas (DAHER e FARIAS, 2023).

O mediador atua, assim, como ponte para que temas como água, refúgio, direito à educação e enfrentamento criativo de crises possam ser experienciados e não apenas ensinados. A mediação se exerce, portanto, como um gesto de hospitalidade e escuta ativa, em que o acolhimento da voz da criança é tão fundamental quanto a própria narrativa literária.

Procedimentos metodológicos

Este estudo configura-se como pesquisa-ação, com abordagem qualitativa baseada em observação participante, diário de campo e análise das produções simbólicas das crianças. Essas produções, como desenhos, falas registradas e outros registros oriundos das oficinas criativas, são examinadas a partir de dois eixos analíticos preliminares, em desenvolvimento no âmbito de pesquisa de mestrado em curso.

O primeiro eixo investiga a presença ou ausência de uma percepção hierárquica da relação entre ser humano e natureza, identificando se os registros reproduzem uma visão antropocêntrica ou se apontam para formas de interdependência e cuidado. O segundo busca indícios de deslocamento do olhar em relação às questões socioambientais, compreendido como ampliação da sensibilidade e da capacidade de perceber o mundo de forma relacional. Tais eixos são orientados pelo referencial ecocrítico que fundamenta o projeto e estão sujeitos a refinamento ao longo do processo investigativo, em consonância com o caráter processual e reflexivo da pesquisa-ação.

O campo empírico é a Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen, primeira biblioteca infantil da região leste da cidade de São Paulo, onde se desenvolve o projeto analisado.

Inspirada na abordagem triangular para o ensino das artes (MACHADO, 2010) a proposta é orientada por trilhas temáticas e estrutura-se em um conjunto articulado de atividades destinadas a diferentes públicos: encontros de leitura voltados a famílias e escolas; oficinas criativas para crianças; formações direcionadas a educadores e profissionais que atuam com a infância; e rodas de conversa com especialistas para discutir temáticas relacionadas às questões climáticas, abertas à comunidade em geral.

A opção pela pesquisa-ação fundamenta-se na compreensão de que tal metodologia visa não só à análise de uma realidade, mas à sua transformação. Conforme Thiollent (2011:7), trata-se de um procedimento que busca elucidar “problemas sociais e técnicos considerados cientificamente e socialmente relevantes, por meio da atuação conjunta de pesquisadores e participantes diretamente ou indiretamente envolvidos na situação investigada”.

Nessa mesma direção, Barbier (2007) afirma que a pesquisa-ação implica uma intervenção deliberada na realidade, orientada por um duplo propósito: promover mudanças concretas e produzir conhecimento sobre essas transformações. Tal perspectiva metodológica exige dos pesquisadores uma postura dinâmica, marcada pela multiplicidade de papéis assumidos no processo investigativo.

Barbier (2007) observa que o pesquisador transita entre posições diversas — ora agente da ação ou sujeito afetado por ela; protagonista ou colaborador — evidenciando o caráter relacional e processual da pesquisa-ação. Desse modo, pesquisa e ação aparecem como

aspectos inseparáveis, reforçando o papel da biblioteca pública enquanto lugar de criação de conhecimento, transformação social e exercício da cidadania.

Curadoria e trilhas temáticas

O ponto de partida para a seleção das obras que compuseram o projeto foi o Clube de Leitura ODS da ONU - Capítulo Brasil, que abrange 175 títulos publicados entre 2016 e 2020. Diante de um catálogo tão potente, foi preciso fazer escolhas para definir o recorte adequado ao tempo de execução do projeto, de dez meses.

Para isso, nos valem do que defende a bibliotecária e intelectual francesa Geneviève Patte (2012:94): “Selecionar não quer dizer restringir, muito pelo contrário. Selecionar significa valorizar”. Assim, decidimos expandir também essa base com livros publicados entre 2020 e 2025 para incluir novas discussões sobre crise climática e justiça social, uma vez que a produção sobre essas temáticas cresceu de forma significativa nos últimos anos.

Entre os critérios de seleção das obras, considera-se seu potencial de suscitar diálogos, como defende Bajour (2012). Busca-se que o próprio texto contribua para a elaboração de possíveis respostas e instigue novas perguntas, orientando intervenções que ampliem os sentidos sem encerrá-los.

A reflexão sobre os critérios de seleção de obras para o público infantil encontra respaldo em *bell hooks* (2019), que destaca a literatura infantil como espaço decisivo de interlocução com as crianças. Para a autora, é fundamental atentar aos conteúdos, perspectivas e valores que atravessam os livros oferecidos, sobretudo porque educadores e mediadores atuam como curadores do universo simbólico ao qual os leitores em formação terão acesso. Tal responsabilidade implica examinar criticamente o acervo disponibilizado, assegurando que ele contemple múltiplas vozes, experiências e modos de existência.

Nesse sentido, a noção de bibliodiversidade assume centralidade na definição dos critérios de escolha — e encontra respaldo no campo do Desenvolvimento de Coleções. Como destaca Vergueiro (1989), a Política de Desenvolvimento de Acervos constitui o instrumento responsável por definir os critérios que orientam a seleção, aquisição e manutenção das coleções.

Aplicada ao contexto da curadoria literária para crianças, essa perspectiva orienta a garantia de diversidade de autores, ilustradores, editoras, formatos e materialidades, promovendo o direito da criança ao acesso a diferentes repertórios culturais. Como afirma Costa (2022:119), “a bibliodiversidade está relacionada também com a defesa das diversidades culturais, étnicas, raciais e de gênero”.

Em consonância com essa perspectiva, Luz (2024) reforça que a constituição de um acervo plural exige atenção às múltiplas expressões identitárias e estéticas que compõem o campo literário, assegurando às crianças a possibilidade de contato com distintas narrativas, imaginários e posicionamentos sociais. Assim, a bibliodiversidade é entendida não só como critério técnico de composição de coleção, mas como princípio ético e político orientador da mediação de leitura e da formação de leitores críticos.

A curadoria foi realizada por uma equipe de três especialistas em literatura infantil, que também atuam como mediadoras de leitura: a idealizadora do projeto, com experiência em

mediação e pesquisa no campo da ecocrítica; a bibliotecária responsável pela unidade, com conhecimento do acervo e dos públicos atendidos; e uma educadora pesquisadora de literatura infantil e formadora de professores na área de pedagogia.

A seleção das 41 obras que compõem o projeto orientou-se por seis critérios curatoriais articulados entre si: protagonismo infantil nas obras; diversidade estética e de materialidade; potencial de suscitar diálogo; bibliodiversidade, compreendida como diversidade de vozes, experiências e modos de existência; diálogo com a perspectiva ecocrítica, identificado pela presença de uma relação humano-natureza não hierárquica; e potencial de mediação com diferentes públicos — famílias, escolas e educadores.

Esses critérios operaram como um conjunto intencional: cada obra foi avaliada pela equipe curatorial em sua capacidade de mobilizar, simultaneamente, dimensões estéticas, éticas e políticas. A organização em dez trilhas temáticas, cada uma ancorada em uma data ou evento do calendário socioambiental, garantiu que a diversidade de abordagens se articulasse a um percurso coerente ao longo dos dez meses de execução do projeto.

Quadro 1 – Quadro sintético das trilhas temáticas

Trilha temática	Ancoragem no calendário	ODS mobilizados	Nº de obras
Povos originários	Agosto Indígena, SP	10, 12, 15	4
Águas	Dia Mundial dos Rios (23/set)	4, 6, 12	4
Educação	Dia dos Professores (15/out)	3, 4, 8, 16	4
Clima	COP 30 no Brasil (nov/2025)	1, 11, 13, 17	4
Travessias	Dia Internacional do Imigrante (18/dez)	1, 8, 10, 16	4
Cidades	Aniversário de SP (25/jan)	11, 12, 13	5
Passarinhada	Desafio Toda Ave Conta (fev)	4, 12, 15	4
Mulheres	Dia Internacional da Mulher (8/mar)	5	4
Janelas	Dia Mundial da Criatividade (21/abr)	1, 4, 9, 11, 17	4
Bicharada	Dia Internacional da Biodiversidade (22/mai)	15	4

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados do projeto (2025).

Instrumento de coleta e análise

A coleta de dados ocorre por meio da observação dos participantes nos encontros de leitura, oficinas e diálogos com especialistas. São realizados registros em diário de campo com as respostas leitoras dos participantes, e analisados os produtos criativos das crianças. Neste artigo, serão apresentadas as discussões acerca da produção das crianças *Manifesto pelos Rios* e dos achados no encontro de leitura para famílias do livro *Eu devia estar na escola* (2024).

Resultados e discussões

O projeto teve início em agosto de 2025, com a realização das atividades da trilha temática *Povos Originários*. As atividades ao público foram concluídas entre maio de 2026, com as rodas de leitura da trilha *Bicharada*.

Como afirma Petit (2019), a experiência literária não deve ser reduzida a uma finalidade pedagógica ou utilitária, mas sim compreendida como um direito ao imaginário que permite ao sujeito ressignificar sua presença no coletivo. A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que os resultados indicam: a integração entre acervo, espaço e mediação produz efeitos que transcendem a dimensão instrumental do ato leitor, atingindo a consciência cidadã.

Instrumentos de coleta e análise

A biblioteca passou por uma significativa revitalização informacional, principalmente no que se refere à ampliação do acervo promovida pelo projeto. Como observa Petit (2009), o encontro com o livro depende de mediações significativas; a simples disponibilização das obras não garante, por si só, o acesso efetivo à leitura. Nesse contexto, diversas ações foram planejadas e implementadas ao longo do projeto.

Quadro 2 – Indicadores quantitativos

Indicador	Detalhamento
Público-alvo atendido diretamente	Cerca de 600 pessoas entre crianças, seus núcleos familiares e educadores
Expansão do acervo (títulos)	187 obras (175 Clube ODS ONU + 12 BRAW Amazing Bookshelf)
Volume total de exemplares	Aproximadamente 350 novos livros (duplicata do acervo disponível)
Encontros de leitura	20 sessões (10 voltadas para famílias e 10 para escolas)
Oficinas criativas	04 oficinas (temas: "Plantar a Palavra" e "Aquarelando Histórias")
Encontros com especialistas	03 encontros (Temas: "Família, Escola e Clima", "Juventude e Clima" e "Escutar a infância")
Formação em Mediação	02 oficinas (foco em mediação de leitura e primeiríssima infância)
Vivências sensoriais	1 atividade (foco em crianças e famílias)
Total de ações culturais	30 atividades presenciais realizadas na biblioteca

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados do projeto (2025-2026)

Um dos aspectos inovadores do projeto consistiu na catalogação temática vinculada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com a identificação correspondente nas etiquetas físicas dos livros. Essa estratégia ampliou as possibilidades de recuperação da

informação por educadores e mediadores, qualificando o uso pedagógico do acervo e favorecendo percursos de leitura orientados por questões socioambientais.

Compreende-se a catalogação, conforme Nascimento e Sousa (2021), como prática de representação da informação em seus aspectos físicos e de conteúdo, voltada para a organização e o uso dos recursos informacionais nas bibliotecas.

O catálogo, produto central desse processo, configura-se como canal mediador entre os materiais informacionais e os usuários: organiza e apresenta os recursos disponíveis no acervo, viabiliza a busca e recuperação da informação e contribui para a difusão do conhecimento, a preservação da memória e o funcionamento eficiente dos serviços oferecidos pela unidade de informação. Além de sua dimensão técnica, a catalogação constitui uma forma de mediação da informação, uma vez que interfere nos processos de busca e recuperação e atua como atividade intermediária entre o acervo e os leitores.

Nessa perspectiva, a vinculação temática aos ODS evidencia uma biblioteconomia socialmente comprometida, na qual a organização do conhecimento não é concebida como neutra, mas orientada por finalidades formativas e cidadãs.

Como alerta Almeida Júnior (2009), diante da impossibilidade de neutralidade do processo de mediação, o mediador deve atentar para que a interferência não se converta em manipulação — pois tanto o mediador quanto o mediado mobilizam suas experiências e conhecimentos prévios ao longo do processo. O acervo estruturado dessa forma transforma-se em instrumento de intervenção cultural, ampliando o acesso à informação qualificada e promovendo a leitura como prática emancipatória.

Discussão qualitativa: justiça social e empatia

Um dos achados do projeto refere-se ao potencial da literatura em promover justiça social ao ativar processos de empatia e consciência territorial. Durante a mediação de *Eu devia estar na escola* (2024) — obra construída a partir dos relatos de crianças que vivenciam operações policiais nas favelas da Maré, no Rio de Janeiro —, registrou-se intensa mobilização entre os participantes do bairro do Tatuapé, zona leste de São Paulo, território onde se localiza a biblioteca.

Os registros do diário de campo e as falas colhidas durante a sessão evidenciam a natureza dessa resposta. Uma participante adulta descreveu a experiência nos seguintes termos: "de repente a gente é colocado em frente a um livro assim. Não queria ouvir sobre isso. [...], mas quando a gente ouve isso, tem vontade de chorar muito, porque é um tipo de privilégio, as nossas crianças não vivem essa realidade".

Outra participante, oriunda de cidade do interior, relatou: "fiquei impressionada de muitas formas [...] é uma realidade que a gente não vive nas cidades de interior [...] eles deram uma lição de cidadania. É uma lição para nós, adultos. Se a gente não batalhar por coisas melhores no nosso país, vai continuar como está".

A consciência territorial emergiu de forma espontânea na fala de uma criança participante: "Ainda bem que essa não é a nossa cidade", enunciado que revela, ao mesmo tempo, o reconhecimento de uma realidade distante e o estranhamento diante dela. A empatia, por sua vez, manifestou-se na fala de uma participante adulta, que articulou com precisão o

movimento provocado pela mediação: "às vezes a gente tem vontade de se afastar disso, só que se todo mundo fizer dessa forma, se afastar dessa realidade que é deles, tudo fica como está. [...]". Como foi importante eles serem ouvidos, contarem com sua voz.

A experiência evidenciou que a literatura opera como dispositivo de deslocamento territorial do olhar: ao entrar em contato com realidades marcadas por violência de Estado e precarização de direitos, crianças e adultos foram levados a confrontar desigualdades historicamente naturalizadas no espaço urbano.

Esse movimento manifestou-se de forma concreta nas produções simbólicas realizadas após a mediação. Entre as crianças, os registros revelam uma articulação espontânea entre a narrativa do livro e a percepção de direitos: uma criança escreveu "eu queria que todas as crianças pudessem ir à escola e que não tivessem medo de sair de casa"; outras enunciaram, em desenhos e palavras, direitos como crescer seguro, brincar livremente, ter proteção e saúde física e mental.

Entre os adultos, o deslocamento assumiu uma dimensão cívica explícita: uma participante registrou que "as crianças que escreveram o livro me deixaram emocionadas e penso que elas conseguiram dar uma lição de cidadania"; outra listou direitos fundamentais como educação, alimentação, saúde, moradia.

Tais registros evidenciam que a mediação ampliou a compreensão sobre o direito à educação e à segurança, explicitando como determinadas populações são sistematicamente expostas a contextos de vulnerabilidade.

Esse resultado reforça a perspectiva de Munita (2024), que reconhece o mediador como agente político-cultural capaz de tensionar imaginários e ampliar horizontes éticos na formação leitora, papel que, neste episódio, se concretizou pela criação de condições para que crianças e adultos elaborassem, cada um a seu modo, suas próprias compreensões sobre direitos, pertencimento e cidadania a partir de um ambiente acolhedor e de escuta.

Ressignificação da natureza: "O Manifesto pelos Rios"

A oficina de criação *Manifesto pelos Rios*, realizada na Virada Sustentável 2025 como uma atividade extra do projeto *Clima de Literatura*, atuou como dispositivo de transição de um imaginário extrativista para um imaginário relacional.

O ponto de partida para a oficina foi a leitura de trechos de livros que compõem a trilha das águas: *O que é um rio?* (2023) e *Diários das águas* (2022), entrelaçados à metáfora do rio como avô (Watu), baseada na cosmologia Krenak (2019).

As respostas ao exercício "se eu fosse um rio, o que eu gostaria e não gostaria" demonstraram que a mediação literária pode convidar crianças e adultos a se reconhecerem como parte da natureza. Esse processo de identificação é o alicerce para o que se define aqui como justiça climática na infância.

Nesse contexto, a noção de justiça ambiental implica o direito a um meio ambiente saudável, seguro e produtivo para todos, devendo ser considerado em sua totalidade, o que inclui as dimensões ecológicas, sociais, políticas, estéticas e econômicas (ACSELRAD, MELLO e BEZERRA, 2009). Para o projeto, tal conceito refere-se às condições em que esse

direito pode ser exercido livremente, preservando e realizando plenamente as identidades individuais e de grupo, bem como a dignidade e a autonomia das comunidades.

A justiça climática na infância pressupõe que as crianças sejam reconhecidas como sujeitos de direitos plenos, cujas necessidades e identidades não podem ser negligenciadas (THE LANCET..., 2024). Sob essa ótica, a justiça não é mera proteção contra desastres, mas a garantia de condições para que a autonomia e a dignidade das futuras gerações sejam respeitadas. O manifesto coletivo apresentado a seguir é um exercício de cidadania climática, onde o direito de existir e de coexistir de todos os seres é reivindicado por aqueles que herdarão o planeta.

As atividades do projeto foram realizadas com autorização institucional da Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen e com consentimento dos responsáveis pelas crianças participantes. O manifesto apresentado a seguir é uma produção coletiva, elaborada em grupo durante a oficina, sem identificação individual de seus autores, preservando, assim, a identidade de todas as crianças envolvidas:

Nós, crianças da Biblioteca Hans Christian Andersen, nos reunimos para escutar os rios, que, assim como nós, são parte da natureza. Os rios não gostaria de ser depósitos de lixo, de ficar presos e serem desperdiçados. Eles gostariam de ser tratados com respeito. Também gostaria de correr livros, de ter ao seu redor mais pessoas, animais, flores e beleza. Nós, como crianças da cidade gostaríamos de criar memórias bonitas nas águas dos rios. E se você fosse um rio, gostaria de quê?

A experiência evidencia que o contato com a leitura literária possibilita deslocamentos que ultrapassam a compreensão racional dos temas ambientais, mobilizando dimensões afetivas e éticas. Nesse sentido, o manifesto vai além de uma produção simbólica; se configura como expressão de um posicionamento diante do mundo, revelando a potência da mediação de leitura na formação de sujeitos capazes de reconhecer e reivindicar outras formas de relação com a natureza.

Considerações finais

Historicamente, dominar a leitura e a escrita é como ter um passaporte social, que possibilita a participação em circuitos intelectuais e de circulação de ideias. Tal compreensão evidencia que as bibliotecas não são espaços neutros, mas espaços de mediação simbólica, tensionadas entre processos de elitização e democratização do saber.

É nesse horizonte que se insere o projeto *Clima de Literatura: Literatura e Desenvolvimento Sustentável*, ao reafirmar a biblioteca pública como território estratégico para a implementação da Agenda 2030, desde que a organização da informação esteja articulada a uma mediação cultural crítica.

Ao posicionar o acervo bibliográfico como dispositivo pedagógico intencional, a proposta supera a concepção do livro como mero objeto material, compreendendo-o como instrumento para formação crítica, ampliação do repertório simbólico e articulação entre literatura, sustentabilidade e multiculturalismo.

O alcance dos objetivos iniciais — entre eles, a constituição de um acervo temático e o engajamento de cerca de 600 participantes — confirma o potencial das unidades de informação para fomentar consciência socioambiental e participação cidadã.

Ao aproximar a leitura literária do debate socioambiental, o projeto dialoga com a urgência contemporânea da reconfiguração das relações entre sociedade e meio ambiente, especialmente diante da responsabilidade intergeracional na preservação dos recursos naturais.

A literatura abre caminho para que os desafios do tempo presente sejam sentidos e pensados, não apenas explicados. As obras literárias funcionam como convites ao diálogo, criando espaços de conversa em que as crianças desenvolvem formas de cuidar e se relacionar com o mundo que podem acompanhá-las ao longo da vida.

Responde-se à questão de partida afirmando que a mediação de leitura se evidencia como prática capaz de criar condições para o repovoamento dos imaginários. Compreende-se aqui esse processo como a reconstrução simbólica das formas de perceber e se relacionar com o mundo, deslocando visões antropocêntricas em direção a perspectivas fundadas na interdependência entre humanos e natureza.

O conceito articula-se ao referencial de Haraway (2023), para quem construir novos parentescos entre espécies é condição para habitar o presente de forma responsável, e ao de Krenak (2019), que propõe o imaginário como prática de resistência e de manutenção da vida. A expressão encontra evidência concreta nos resultados do projeto: no manifesto coletivo em que as crianças se reconhecem como parte dos rios, e na mobilização ética provocada pelo encontro com realidades de vulnerabilidade socioambiental.

Do ponto de vista das contribuições para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, o estudo oferece evidências de que a biblioteca pública pode operar como território de mediação cultural crítica, para além de sua função tradicional de organização e disseminação da informação.

A curadoria bibliográfica orientada pela bibliodiversidade e pela justiça socioambiental configura-se como prática ética e política, capaz de ampliar o repertório simbólico de comunidades historicamente sub-representadas nos acervos.

A mediação de leitura, por sua vez, demonstra potencial como dispositivo de formação de imaginários, resultado que aponta para a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico desse campo no âmbito da pesquisa em informação e cultura.

O projeto conclui as atividades abertas ao público em junho de 2026 e prevê o registro sistematizado da experiência em publicação de acesso aberto, reunindo reflexões conceituais, percursos do projeto e produções das crianças, de modo a ampliar a circulação das discussões e inspirar outras práticas no campo da mediação de leitura.

Referências bibliográficas

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecilia Campello de A.; BEZERRA, Gustavo das Neves

2009 *O Que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo F.

2009 Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*. [Em linha]. 2:1 (2009). [Consult. 13 fev. 2026]. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>.

BAJOUR, Cecilia

2023 *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2023.

BAJOUR, Cecilia

2012 *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARBIER, René

2007 *A Pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro, 2007.

COSSON, Rildo

2009 *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Renata

2022 *Leitura cria mundos: um projeto sobre democratização do livro*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2022.

DAHER, Juliana; FARIAS, Fabíola

2023 *O Livro das perguntas*. Belo Horizonte: Ed. das Autoras, 2023.

HARAWAY, Donna J.

2023 *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HOOKS, Bell

2019 *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS

2025 *How libraries engage in climate communication and education: key findings and recommendations*. [Em linha] Haia: IFLA, 2025. [Consult. 10 agosto de 2025]. Disponível em: <https://repository.ifla.org/items/7007fa48-4387-4701-8c01-35ffecdb313c>.

KRENAK, Ailton

2019 *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

THE LANCET CHILD & ADOLESCENT HEALTH

2024 Child-centred climate action cannot wait. *The Lancet Child & Adolescent Health*. [Em linha] 8:7 (2024) 467. [Consult. 10 fev. 2026]. Disponível em: <https://www.thelancet.com/child-adolescent>.

LUZ, Ananda

2025 Infâncias e leituras: a representatividade negra e indígena na literatura infantil. In *Infâncias e leituras*. Org. Marcia Licá. São Paulo: Pulo do Gato, 2025, p. 114-144.

LUZ, Ananda; MALZONI, Isabel

2024 *Eu devia estar na escola*. São Paulo: Editora Caixote, 2024.

MACHADO, Regina

2010 Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. Org. Ana Mae Barbosa, Fernanda Pereira da Cunha. São Paulo: Cortez, 2010, p. 64-79.

MUNITA, Felipe

2024 *Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores*. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2024.

NASCIMENTO, Ana Paula de Jesus; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de

2021 A Catalogação enquanto uma ação indireta de mediação da informação. *Biblionline*. 17:3 (2021) 65-83.

PATTE, Geneviève

2012 *Deixem que leiam*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PETIT, Michèle

2024 *Somos animais poéticos: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise*. São Paulo: Editora 34, 2024.

PETIT, Michèle

2019 *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle

2009 *Os Jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYES, Yolanda

2021 *A Substância oculta dos contos: as vozes e narrativas que nos constituem*. São Paulo: Pulo do Gato, 2021.

ROMEU, Gabriela

2022 *Diário das águas: flashes e fragmentos de uma viagem pela infância dos rios*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2022.

THIOLLENT, Michel

2011 *Metodologia da pesquisa-ação*. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNICEF

2023 *Índice de risco climático para as crianças: resumo executivo*. Nova York: UNICEF, 2023. [Em linha] [Consult. 20 de outubro de 2025]. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/climate-crisis-child-rights-crisis>.

VAICENAVICIENE, Monika

2023 *O Que é um rio?* Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro de C. S.

1989 *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis, 1989.

WESTLING, Louise

2012 Literature and ecology. In *Teaching ecocriticism and green cultural studies*. Org. Greg Garrard. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.

Renata de Oliveira Moreira | rossi.renata@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil

Elisangela Alves da Silva | elis.alves.silva@gmail.com

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil

Fábio Roberto Lucas | frlucas@pucsp.br

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil